

MEMÓRIAS EM DISPUTA: UMA REFLEXÃO SOBRE A COLÔNIA ANARQUISTA DE EREBANGO

Vinícius Oliveira¹

Fábio Feltrin de Souza²

Bolsa concedida pela UFFS, Edital nº 160/UFFS/2012

Resumo

O presente artigo disserta sobre as divergências historiográficas relativas à historiografia produzida sobre Erebangó e Quatro Irmãos e, em especial, no que se refere à memória da já extinta Comunidade Anarquista de Erebangó. Fundada muito provavelmente em meados de 1911 por imigrantes ucranianos, possivelmente incorporou também judeus expulsos da ICA (Jewish Colonization Association). Seguiu em seu interior preceitos anarquistas, tendo como autor preferido Liev Tolstói. É mostrado como essa importante comunidade possui importância para pensarmos uma História Regional distinta da narrativa “oficial”. São relatadas e problematizadas através da trajetória pessoal de Elias Ilchenko, imigrante ucraniano que participou da comunidade, as experiências anárquicas ocorridas dentro da comuna. Através do paradigma indiciário do historiador Carlo Ginzburg, procuramos estabelecer pontes entre os acontecimentos relatados em diversas obras que possuem como cenário Erebangó e Quatro Irmãos e com temporalidade igual ou posterior a da Comunidade Anarquista de Erebangó para então relacioná-las com a comunidade. Procura-se entender a partir desse método como que uma experiência anárquica, que recebia e enviava correspondências de e para anarquistas de vários países da América e da Europa acabou por esvaziar-se a partir da década de 1940, e quais seriam os motivos para tamanho esquecimento de tal comuna.

Palavras-chave: Historiografia. História Regional. Anarquismo. Memória.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo problematizar a historiografia produzida sobre a história de Erebangó e Quatro Irmãos, na região de Erechim, no interior do Rio Grande do Sul. Pretendemos examinar o conflito discursivo existente entre a narrativa “oficial” de Erebangó e a narrativa do arquivista Edgar Rodrigues no que se refere à constituição da chamada Comunidade Livre de Erebangó. Esta Comunidade seria formada por imigrantes anarquistas ucranianos que chegaram a Erebangó em 1911 e possivelmente por anarquistas russos de origem judaica expulsos da ICA (Jewish Colonization Association). A partir do método indiciário, discutido pelo historiador Carlo Guinzburg, buscamos reconstituir os traços da Comunidade Livre de Erebangó, sobretudo através da trajetória pessoal de Elias Ilchenko. A partir do levantamento dos indícios de uma rede de saberes anarquistas que

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em História da UFFS e bolsista de iniciação científica. viniciusfruscalso@gmail.com

² Professor adjunto II do curso de Licenciatura em História da UFFS. fabio.souza@uffs.edu.br

passava pela região, pretendemos também examinar a experiência anarquista propriamente dita e como ela vai, aos poucos, dando/cedendo espaço à outras maneiras de se relacionar com a terra, ao ponto de se tornar praticamente invisível atualmente.

Elias Iltchenko (1905 - 1982) era extremamente erudito e autodidata, conforme seus familiares. Católico ortodoxo de origem russa, chegou ao Brasil em 1909 com sua família, muito provavelmente para fugir da fome que se alastrava pelo Leste Europeu. Anarquista convicto, sofreu diversas sortes de hostilizações em Erebangó, principalmente dos imigrantes italianos que ali residiam, sendo por várias vezes chamado de “comunista” pelo simples fato de ser russo.

O Colono Judeu-Açu: literatura como indício

Indícios apontam que a presença anarquista não se restringiu a Erebangó. Prova disso é o livro de Adão Voloch intitulado *O Colono Judeu-Açu*, que conta a trajetória de Natálio, um judeu ucraniano que emigrou a Quatro Irmãos por intermédio da ICA (Jewish Colonization Association), instituto de colonização sem fins lucrativos cujo objetivo era retirar os judeus que estavam em países onde o anti-semitismo se tornava cada vez mais intenso e fixá-los em países mais seguros, como era o caso do Brasil. O livro é narrado em terceira pessoa, sendo o narrador onisciente e onipresente. O narrador define Natálio nos seguintes termos: “judeu, porém é ateu, anarquista ou filósofo, talvez complicado da cabeça de tanta leitura”³. Está aí colocado um conflito de identidades, em especial no que se refere a ser judeu e ser ateu. A narrativa do livro evidencia que Natálio partilhava o sentimento de pertencimento à comunidade judaica, aos seus costumes, sua cultura; porém também sentia-se um estranho, uma vez que era ateu. Outro conflito bastante marcado era o fato de ser anarquista.⁴ A ênfase de que o livro não se tratava de uma obra autobiográfica foi expressa pelo autor da obra ao historiador Jaime Pinsky, quem escreveu a introdução do livro:

³ VOLOCH, Adão. ***O Colono Judeu-Açu***. São Paulo: Editora Novos Rumos Ltda. p. 27.

⁴ Sabe-se que dois autores clássicos do anarquismo (Piotr Kropotkin e Mikhail Bakunin) colocam-se contra as crenças religiosas por produzirem servidão e alienação. Mas também há os anarquistas que defendem a crença em Deus, como é o caso de Pierre-Joseph Proudhon, e também há os que comungam de uma perspectiva cristã (porém anticlerical) como Liev Tolstói, onde a vida deveria ser voltada para o campo, a simplicidade, a natureza, o trabalho coletivo e as orações. Para maiores informações, conderir WOODCOCK, George. ***História das ideias e dos movimentos anarquistas-v.1: A ideia***; tradução de Júlia Tettamanzy. - Porto Alegre: L&PM, 2010.

Quando Adão me procurou, insistiu em alguns pontos: que seu livro não era autobiográfico; que era um romance; que queria que eu escrevesse um prefácio, enquanto historiador (por causa de palestras que fizera no Rio de Janeiro a partir do meu livro “Origens do Nacionalismo Judaico”). Acho que vou contrariá-lo: seu livro tem muito de memórias, de coisas vividas pelo ex-colonista que seu autor foi. E mais, é um livro de tese, que pretende explicar as razões do fracasso da colonização judaica na agricultura rio-grandense. Nesse sentido, a ficção eventualmente existente está a serviço de uma visão de cientista social que Adão indiscutivelmente possui. Sua tese – colocada no discurso e na prática do “judeu-açu” Natálio – é defendida ardorosamente, de tal forma que os aspectos de trama e conflitos pessoais do livro se apresentam de forma secundária.

Provavelmente existiram anarquistas em Quatro Irmãos nas terras da ICA na década de 1920 (temporalidade na qual se desenvolve o romance). Há uma série de relações possíveis: a primeira é a do próprio autor em insistir ao historiador Jaime Pinsky que seu livro não era autobiográfico. Pode-se presumir que muito da personalidade e das identidades carregadas pelo personagem principal da obra (Natálio) possuem similaridade com a personalidade e com as identidades do próprio autor (Adão Voloch). Passagens do livro relatam a existência de preconceito de parte dos judeus para com o socialismo, seja o de matriz marxista, seja o libertário. Essa obra pode ser lida como um importante documento para se pensar possíveis práticas anarquistas próximas tanto geograficamente quanto temporalmente dos imigrantes anarquistas de Erebangó.

Em outra obra sobre a imigração judaica, o livro *A Promessa Cumprida – Histórias vividas de colonos judeus no Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch e Erebangó)*, a autora Martha Pargendler Faerman busca “resgatar” a trajetória dos judeus que vieram parar na região através da ICA, desde sua chegada até 1989. Um tanto romantizada, a narrativa de Faermann não é reflexiva. É uma celebração de tradições, exaltando o povo judaico. Nas considerações finais, a autora explica que:

As realizações dos que me precederam fazem com que eu valorize minha origem e as tradições do meu povo pelas quais sou também responsável. Desejo que os currículos escolares reservem algum espaço ao estudo das contribuições das minorias étnicas e, dentre estas, a dos judeus com sua experiência de colonização. Abrindo estradas no mato, construindo ferrovias, cultivando a terra, os judeus fazem parte da História do Rio Grande do Sul; grande parte dos judeus que vieram para o Brasil passaram pelas colônias do Estado.⁵

Esse tipo de narrativa foi muito comum no final do século XX. O século que começou com esperanças de um mundo melhor em sua maioria depositadas no socialismo

⁵ FAERMANN, Martha Pargendler. *A Promessa Cumprida – Histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch e Erebangó)*. Não encontrado nas livrarias. Erechim, 1990. p. 185.

marxista, viu-se ao fim cheio de incertezas. O “Socialismo Real” fracassou com a queda do Muro de Berlim e com a desintegração da União Soviética. Nessa época de incertezas e medo em relação ao futuro, buscou-se no passado mitos de fundação e grandes feitos, numa tentativa de não ficar sem um chão, sem as “raízes”, criando-se então um mito de uma “era de ouro”. Faermann em nenhum momento escreve sobre experiências anarquistas, seja em Quatro Irmãos ou em Erebang. Sua escrita é voltada para a homogeneização do comportamento dos judeus, buscando os conflitos somente externos à identidade judaica, como a Revolução de 1923. Se a ausência do anarquismo em seu livro deu-se por uma omissão ou por desconhecimento, não sabemos.

Semelhante narrativa podemos encontrar na “Apresentação I” do livro *Erebang, Novos Tempos... Novos Rumos*. As autoras Loreci Zancanaro e Maria Tereza Petry Hoppen afirmam que

“Erebang, novos tempos... novos rumos” registra fatos e dados sem dar privilégio a este ou aquele, tendo como objetivo resgatar os acontecimentos sem interferência de tendências ideológicas. Sabemos que não agradaremos a todos com o que aqui está impresso. É normal tal apreciação, pois cada leitor tem o seu conceito subjetivo, porém, como somos otimistas, acreditamos que alguém irá gostar de algum capítulo e assim estará compensado nosso esforço.⁶

Este pequeno trecho apresenta alguns elementos interessantes no que tange à discussão sobre as cristalizações e desejos das narrativas “oficiais”. Esta tendência historiográfica marcada pela célebre expressão “resgatar os acontecimentos” liga-se diretamente ao temor de um suposto esquecimento e, ao mesmo tempo, à crença em mitos de fundação. Além disso, há uma busca por um passado verdadeiro e objetivo, como se, epistemologicamente, existisse uma revelação de um passado pronto, cristalizado e acabado. Porém, ao decorrer da obra, não há indícios de práticas anarquistas em Erebang. A narrativa dá-se a partir dos filhos e netos dos “pioneiros”, deixando em segundo plano os nativos (indígenas e caboclos). Os indígenas aparecem como protagonistas somente no último capítulo do livro (!) que se intitula “A Reserva Indígena do Ventarra – Terras indígenas, uma questão polêmica”. Nesse capítulo não há a exaltação para com os indígenas e, a partir disso, emerge uma pergunta: será mesmo essa obra uma obra sem interferência de tendências ideológicas? Curioso também que não há qualquer menção aos anarquistas ou suas práticas na região. Ao que tudo indica não sobrou nenhuma prática anarquista após a morte dos imigrantes vindos da Ucrânia. Pouco material faz alguma referência às práticas anarquistas.

⁶ ZANCANARO, Loreci; HOPPEN, Maria Tereza Petry. **Erebang, novos tempos... novos rumos**. Erechim, RS: Editores do Sul, 2005. Apresentação I.

Talvez muito mais pelas escassas fontes do que por um descarte em um processo de seleção de temas para contar-se a história de Erebangó. Mas não podemos afirmar isso, pois carecemos de um estudo mais aprofundado sobre o tema. O que nos chama a atenção é justamente essa memória velada, esse silenciamento. Quando Edgar Rodrigues fala sobre o tema, sua narrativa da história é baseada em um herói-fundador (Elias Iltchenco) e os grandes feitos produzidos pelo mesmo. Isso fica claro no livro organizado por Antonio Arnoni Prado, intitulado *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*, no qual Edgar Rodrigues escreve um capítulo chamado *A comunidade livre de Erebangó (imigrantes libertários russos no sul do Brasil)* onde finaliza o referido capítulo afirmando que “Elias Iltchenco não saiu de Erebangó. Lá permaneceu tão revolucionário quanto era em 1911, quando chegou. Sua obra anônima vale tanto ou mais que a de muitos heróis que a história oficial nos obriga a decorar nas escolas” (RODRIGUES, 1986, p. 37). Rodrigues acaba por fazer com essa citação, juízo de valor. Mesmo criticando o que chama de “história oficial”, acaba caindo na armadilha de reproduzir uma narrativa histórica baseada em grandes homens e grandes feitos. O palco permanece o mesmo, o que muda tão somente são os atores e seus lugares no palco. Produz-se desse modo um espelho, cujo qual não é apropriado para narrar a vida de Elias Iltchenco, nem a vida da Comuna de Erebangó. Tanto Elias quanto as práticas anárquicas dentro da Comuna buscavam uma ruptura estrutural para com a sociedade vigente. É provável que pelo fato dos imigrantes ucranianos serem anarquistas, aceitaram a premissa de que existe um problema ético na sociedade capitalista do século XX, na qual os fins justificam os meios. Opondo-se a esta última afirmação, buscaram práticas distintas da tradição comunista e sua organização tradicional, os partidos comunistas. Grégori Michel Czizewski nos explica algumas das práticas anárquicas dos imigrantes ucranianos:

Diante de todas as intempéries, as famílias viviam e trabalhavam em um sistema de apoio mútuo e solidariedade. Os mais hábeis e os mais experientes cumpriam tarefas dos mais diversos tipos, tanto na agricultura quanto nas relações sociais; davam assistência aos doentes, auxiliavam no sepultamento dos mortos, aconselhavam e ensinavam os mais jovens e inexperientes do grupo. E o mais importante: não importa qual fosse a tarefa que realizassem ou o quão mais hábeis fossem diante do resto, isso não significava – muito pelo contrário – que iriam exercer domínio sobre os demais.⁷

É plausível a hipótese de que a necessidade, antes mesmo do anarquismo fora um “estímulo” a tais práticas. Por outro lado, impossível negar que todas essas relações de solidariedade, de apoio mútuo, possuem influência do anarquismo. O pensamento de Piotr

⁷ CZIZEWESKI, Grégori Michel. **O Ideário Anarquista e Os Imigrantes Libertários de Erebangó**. (MINIO), 2004. p. 44.

Kropotkin se faz presente nas práticas dos imigrantes. Duas de suas obras mais conhecidas (*Apoio Mútuo* e *A Conquista do Pão*) parecem influenciar as práticas dos imigrantes. O livro *Apoio Mútuo* nos demonstra que a ajuda mútua é um fator que auxilia na evolução das espécies. Não só no caso do ser humano mas também em diversas espécies (abelhas, formigas...) esse é um dos principais fatores de sobrevivência. Mesmo entre os predadores, segundo Kropotkin, é impossível viver sem a ajuda mútua, pelo menos antes da fase adulta. Já o livro *A Conquista do Pão* exemplifica como os produtores podem gestionar os meio de produção sem uma relação de mando/obediência, patrão/empregado, estando os próprios trabalhadores a organizar a produção de forma horizontal visando o bem-estar de todos, e não a acumulação privada do capital. No caso dos imigrantes, a ajuda mútua está relacionada ao fato das práticas como o sepultamento dos mortos e a educação não possuírem relações mercadológicas, somente de solidariedade humana.

O autor preferido dos imigrantes era Liev Tolstói, sendo lido não somente seus livros referentes à filosofia mas também os seus romances. Tolstói até hoje é relacionado ao anarquismo, porém nunca aceitou tal rótulo. Esteve sempre mais preocupado com revoluções morais individuais do que com um grande projeto de sociedade a ser concretizado. O ponto que liga as experiências anarquistas de Erebangó com Tolstói certamente é a religião cristã. Ele acreditava em uma vida simples, voltada para o campo e para as orações. Criticava as igrejas de sua época que esbanjavam dinheiro na construção de templos, ao mesmo tempo que os adeptos das mesmas estavam passando necessidade. Acreditava muito na solidariedade e no trabalho coletivo. Seus livros eram utilizados na alfabetização entre os imigrantes russos em Erebangó. Logo depois de Tolstói estão Mikhail Bakunin, Errico Malatesta e o já citado Kropotkin na lista de preferências dos imigrantes.

A influência de Bakunin está presente certamente nas associações. Cria-se em 1918 a União dos Trabalhadores Rurais Russos, com sede em Getúlio Vargas (antiga Erechim), tendo como presidente o pai de Elias Ilchenko, Sérgio Ilchenko. Muito provavelmente foi Sérgio quem apresentou a doutrina anarquista a Elias, porém falta-nos documentos que comprovem isso. Além de Sérgio, havia ainda como secretário dessa União, Paulo Uchacoff e como tesoureiro Simão Poluboiarinoff. Os filiados a essa organização não eram tão somente os imigrantes russos de Erebangó, sendo que a mesma abrangia também militantes de Rio Toldo, Rio Castilho e Floresta. Essa organização era ligada a outras organizações de trabalhadores presentes no Rio Grande do Sul: União dos Trabalhadores Russos, com sede em Porto Alegre; União dos Trabalhadores Rurais Russos, de Guarani, Campinas e Santo Ângelo; e a União dos Trabalhadores Rurais, de Porto Lucena. Entretanto, os imigrantes russos, ao contrário de

Bakunin, não possuíam a vontade de pegar em armas e destruir o Estado à base da violência. Ao que tudo indica, estavam mais para o pacifismo de Tolstói do que para a “ânsia de destruir” de Bakunin. Parece que de Malatesta fica mais evidente somente a união de trabalhadores como forma de luta, e mesmo assim ao que tudo indica com ações pacíficas, ao contrário do proposto por Malatesta.

A formação de uma rede de correspondências libertárias

Aproximadamente, em 1918 começou a chegar em Erebango o jornal *Golos Truda*, feito pela Federação dos Trabalhadores russos, sediada na Argentina. Como nos mostra Neivo Angelo Fabris, em sua comunicação intitulada *A comunidade anarquista do Campo Erechim*, na década posterior a de 1910 o contato com outras organizações e jornais anarquistas só aumentou. Fabris afirma que

O contato com organizações internacionais se ampliou no início da década seguinte, quando os anarquistas passaram a ser perseguidos pelo governo bolchevique da União Soviética. De Paris passou a ser recebida a revista *Dielo-Trouda* e de Detroit a partir de 1927 a revista *Probuzhdenie*. Jornais anarquistas como *A voz do Trabalhador*, *Ação Direta*, o *Libertário* e *A Plebe* eram despachados de São Paulo e Rio de Janeiro, permitindo ao grupo acompanhar os movimentos sociais [que] agitavam as duas maiores cidades do país.⁸

É preciso lembrar que até o fim da República Velha o movimento anarquista tinha uma força considerável nos centros urbanos do Brasil. Entretanto após a Revolução Russa de outubro de 1917 esse movimento começa a declinar, tendo vários de seus integrantes incorporados aos movimentos comunistas. Tanto é que o Partido Comunista do Brasil fundado na década de 1920 possuía entre seus membros vários ex-anarquistas que muito provavelmente tornaram-se comunistas por causa do advento da Revolução Russa. Não foi o caso dos imigrantes russos de Erebango, muito bem informados das perseguições anarquistas ocorridas dentro da Rússia e posteriormente da União Soviética através da leitura dos periódicos libertários recebidos por eles. Diante de tantos periódicos libertários, pode-se presumir que uma parte considerável dos imigrantes anarquistas tivessem em seu cotidiano o hábito da leitura. Houve um grande aumento de material anarquista recebido pelos imigrantes ucranianos de Erebango, como nos demonstra Edgar Rodrigues:

⁸ FABRIS, Neivo Angelo. *A Comunidade Anarquista do Campo Erechim*. (MINIO), 2011. p. 04 – 5.

Dos imigrantes russos da América do Norte recebiam o diário *Amerikanskie Izvestia* e a revista *Volna*. A partir de 1925 começaram a chegar, de Paris, exemplares da revista *Dielo-Truda* que, de 1930 em diante, se mudaria para Chicago. De Detroit vinha, a partir de 1927, a revista *Probuzhdenie*, que em 1940 se associaria a *Dielo-Truda*, formando uma só revista, sob o título *Dielo-Trouda-Probuzhdenie*, em circulação até 1963. Em 1922 chega a Erebango a notícia da expulsão dos anarquistas G. Maximov, P. Archinov, E. Jartchuk e A. Geselik pelo governo bolchevista e pouco depois a revista por estes publicada no exílio, *Anarquistchesku Rusnik*, de oitenta páginas. De São Paulo e Rio de Janeiro vinham *A voz do Trabalhador*, *a Plebe*, *Ação Direta*, *o Libertário*, *O Dealbar* e *O Protesto*, que se juntariam às publicações de língua espanhola, incluindo os periódicos como *Voluntad*, *La Protesta*, *Tierra y Libertad*, *Acción Libertaria* e *El Sol*.⁹

Todo esse material foi de grande importância para os imigrantes, principalmente no que se refere à disseminação da doutrina e para a divulgação de acontecimentos ocorridos no Brasil e no mundo. Mesmo praticamente isolados dos grandes centros urbanos, os imigrantes mantinham-se atualizados sobre os movimentos anarquistas contemporâneos de várias partes do globo. As correspondências recebidas também foram fundamentais para a educação dos imigrantes, como mostra Czizewski:

Auxiliados pela imprensa libertária, os camponeses de Erebango aprimoraram cada vez mais o senso coletivo de sua vida de trabalho. Todos faziam o papel de professores e alunos, principalmente no que diz respeito ao cultivo das terras, que iam aos poucos dominando. Durante as noites, sob a luz de velas, estudavam juntos, ensinando e aprendendo desde a filosofia do trabalho coletivo até línguas como português, espanhol, russo e esperanto, com o objetivo de se prepararem para a leitura dos jornais, livros e revistas que eram enviadas com regularidade ao sul do país pela Federação dos Trabalhadores Russos com sede na Argentina. Para as crianças, o primeiro contato com o ler, escrever e contar era feito em uma escola que funcionava em um galpão, onde ficavam entre arreios de alfafa e um quadro negro.¹⁰

Apesar das penosidades cotidianas, os imigrantes não abriram mão da educação de seus filhos. Também é verossímil que criou-se uma verdadeira rede anarquista através das correspondências, integrando os anarquistas ucranianos de Erebango com vários outros movimentos anarquistas dos mais diversos países. É importante ressaltar que ao contrário de outras experiências anárquicas no Brasil (como a Colônia Cecília, por exemplo), a Comunidade Livre de Erebango não aboliu a propriedade privada entre seus integrantes. Porém, a propriedade privada foi ressignificada, no sentido de que as unidades produtivas eram familiares e o trabalho era em prol de todos os envolvidos no processo produtivo, não

⁹ RODRIGUES, Edgar. "A comunidade livre de Erebango (Imigrantes libertários russos no sul do Brasil)", *in*: PRADO, Antonio Arnoni (org). **Libertários no Brasil: Memória, Lutas, Cultura**. Editora Brasiliense, São Paulo: 1987.

¹⁰ CZIZEWESKI, Grégori Michel. **O Ideário Anarquista e Os Imigrantes Libertários de Erebango**. (MINIO), 2004. p. 45.

havendo uma relação hierárquica e de alienação entre os trabalhadores, sejam estas relações econômicas ou políticas.

A Comunidade Anarquista de Erebangó não possuía uma unidade territorial coletiva, mas sim uma unidade de ideário anarquista. E era disso que as práticas necessitavam para reproduzirem-se: a perpetuação dessa unidade de ideário. O enfraquecimento desse ideário deu-se justamente com a morte dos primeiros imigrantes, não encontrando provavelmente em seus filhos a esperança de uma vida melhor a partir das práticas anarquistas. Outro fator pode ser que com uma certa melhoria de vida, as práticas anarquistas acabaram por não serem mais intrinsecamente necessárias para a sobrevivência em Erebangó. Porém, o desejo de possuir uma vida melhor na cidade grande (Porto Alegre) tenha sido possivelmente um terceiro fator, já que mesmo com uma melhora de vida significativa, a vida no interior ainda era difícil. Em carta endereçada a Edgar Rodrigues em 1961, Elias Ilitchenco já mostra que a Comunidade Livre de Erebangó desintegrou-se há algum tempo, não havendo mais sequer “co-idealistas” na região:

Há anos que não tenho companheiros, co-idealistas, aqui perto, que possa me reunir-se. Me comunico com alguns [de] meus companheiros co-idealistas de Montevideo, Buenos Aires, New York, Detroit e outras [ilegível].¹¹

Mesmo ficando sem co-idealistas próximos, Elias Ilitchenco continuou anarquista até seu falecimento, segundo sua família. Outro fator que chama a atenção é que uma de suas filhas afirmou-nos em entrevista é que seu pai não falava em anarquismo com seus filhos. Logo Elias, um anarquista convicto, não incentivou ao que tudo indica seus filhos a refletirem sobre tais preceitos. Isso talvez tenha dado-se pela forte repressão que a Era Vargas impôs aos comunistas e aos anarquistas. Elias Ilitchenco doou parte de sua biblioteca para Edgar Rodrigues em 1982, pouco tempo antes de morrer.

Considerações finais

Procuramos através desse artigo problematizar parte da historiografia da História de Erebangó e Quatro Irmãos até então, identificando suas peculiaridades. A partir do método indiciário de Carlo Guinzburg buscamos formar uma narrativa do que foi a Comunidade Livre de Erebangó através da trajetória de Elias Ilitchenco, personagem histórico imerso em sua historicidade.

¹¹ RODRIGUES, Edgar. **Sem Fronteiras**. Rio de Janeiro : VJR – Editores Associados Ltda, 1995.

Identificamos uma pista através do livro *O Colono Judeu-Açu* de uma provável existência de anarquistas na região de Quatro Irmãos na terras da ICA na década de 1920. Constatamos também que a unidade produtiva era familiar, porém a ajuda mútua era concretizada nas mais diversas tarefas, como por exemplo no sepultamento dos mortos. A imprensa libertária começa a ser recebida aproximadamente em 1918, com o jornal Golos Truda, mesmo ano que é fundada a União dos Trabalhadores Russos, sediada em Getúlio Vargas (Antiga Erechim), cujos membros comunicavam-se com as outras três Uniões de Trabalhadores Russos presentes no território do Rio Grande do Sul. Nessas histórias não há heróis ou vilões, apenas a possibilidade de contar e escrever outras histórias.

Referências

CZIZEWESKI, Grégori Michel. **O Ideário Anarquista e Os Imigrantes Libertários de Erebangó**. (MINIO), 2004.

DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão (Orgs.). **História do Anarquismo no Brasil – Volume 1**. - Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.

FABRIS, Neivo Angelo. **A Comunidade Anarquista do Campo Erechim**. (MINIO), 2011.

FAERMANN, Martha Pargendler. **A Promessa Cumprida – Histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch e Erebangó)**. Não encontrado nas livrarias. Erechim, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RODRIGUES, Edgar. “A comunidade livre de Erebangó (Imigrantes libertários russos no sul do Brasil)”, *in*: PRADO, Antonio Arnoni (org). **Libertários no Brasil: Memória, Lutas, Cultura**. Editora Brasiliense, São Paulo: 1987.

RODRIGUES, Edgar. **O Homem e a Terra no Brasil**. (Livro inédito). Rio de Janeiro. 1996.

RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros – 2**. Rio de Janeiro : VJR – Editores Associados Ltda, 1995.

RODRIGUES, Edgar. **Sem Fronteiras**. Rio de Janeiro : VJR – Editores Associados Ltda, 1995.

VOLOCH, Adão. **O Colono Judeu-Açu**. São Paulo: Editora Novos Rumos Ltda.

ZANCANARO, Loreci; HOPPEN, Maria Tereza Petry. **Erebangó, novos tempos... novos rumos**. Erechim, RS: Editores do Sul, 2005.

WOODCOCK, George. **História das ideias e dos movimentos anarquistas-v.1: A ideia**; tradução de Júlia Tettamanzy. - Porto Alegre: L&PM, 2010.